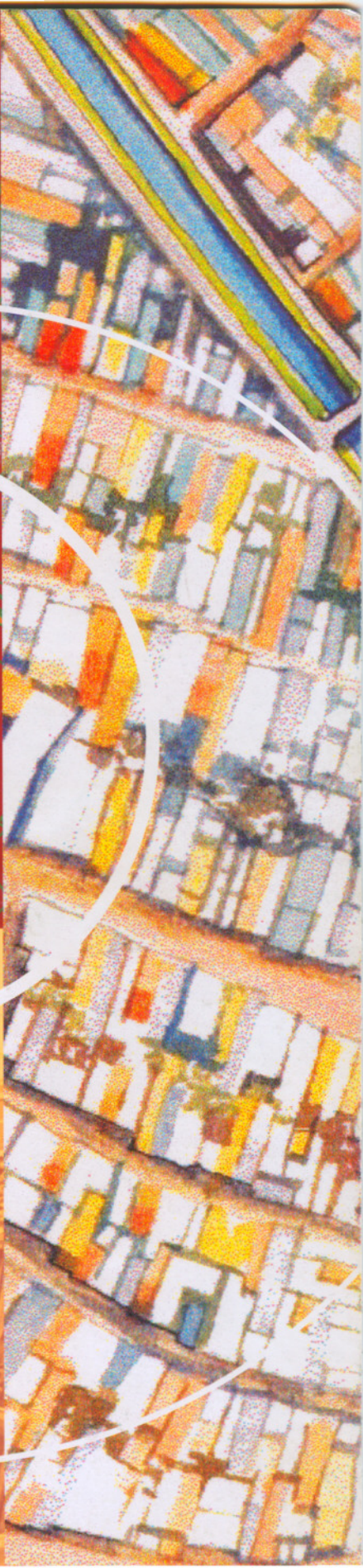


Associação dos Indígenas da Área
Metropolitana de Belém-AIAMB



Nova Cartografia Social da Amazônia

Indígenas na Cidade de Belém 1



303.185-2(81.551-88)
T. 000 17

Associação dos Indígenas da Área Metropolitana de Belém - AIAMB

Coordenação Executiva

Presidente: Emílio Moreira Cabá

Vice-Presidente: Suzana Primo dos Santos Caripuna

Secretária: Ângela Maria Narciso

Tesoureira: Marineide Machado Camizão

Participantes da oficina

Nome	Idade	Etnia/Relação Familiar	Tempo de Permanência em Belém/Anos
Coaraci Apalay	50	Apalay	10
Maria Clara Conceição Tembê	55	Tembê	49
João Fontenelle de Souza Filho	65	Esposo de Maria Clara	65
Suzana Primo	52	Karipuna	30
Ângela Maria Narciso	28	Galibi-Maruorno	28
Raimundo Leopoldo Tembê	55	Tembê	21
Emílio Moreira Cabá	64	Munduruku	14 em Belém e 03 em Benevides
Maria Olinda Barros Juruna	65	Juruna	30
Tarcila de Jesus do Nascimento Cabá	60	Esposa de Emílio Cabá	10 em Belém e 50 em Benevides
Marineide Machado Camisão	44	Juruna	07
Sumio Nakoto (Alberto)	27	Juruna (Filho de Olinda Juruna)	27

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Fascículo 1

Indígenas na Cidade de Belém

ISBN:

Projeto Editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSA-UFAM, FAPEAM CNPQ)

Equipe de Pesquisa

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Jurandir Santos de Novaes
Solange M^a Gayoso da Costa
Rodrigo Macedo Lopes

Colaborador

Emílio Moreira Cabá

Edição

Jurandir Santos de Novaes
Solange M^a Gayoso da Costa

Elaboração do Mapa

Rodrigo Macedo Lopes

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Equipe de Apoio

Adriana Carneiro
Cleonice Meireles de Macedo
Raimunda Negrão
Simone Gayoso da Costa

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social de Belém, foi apresentado o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e terá continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia.



Membros da AIAMB presentes na Oficina de Cartografia dos Indígenas na cidade de Belém, 11 de fevereiro de 2006

“Meu nome é Ângela Maria Narciso; sou Galibi-Maruorno, minha mãe veio pra cá; ela se casou com um funcionário da Funai. Aí como ele foi transferido da aldeia pra cidade, aí ela veio; ela, os filhos, toda a família, só que agora todos voltaram e estão lá na aldeia, e só eu e ela estamos morando em Belém. Então eu não sabia, se eu era índia, por que eu já nasci aqui em Belém. Eu sempre soube que a minha mãe era índia. A gente voltava pra lá, todos, mas eu não sabia se eu tinha, como dizem, o direito sobre a identidade indígena né. A gente não tinha essa noção, por que eu nasci aqui em Belém, eu sou paraense. Eu não ia dizer que eu era índia né. Mas agora com as reuniões que a gente vem fazendo, há quatro anos na luta pelos direitos, eu descobri que eu tenho sim o direito. E ainda, tenho a identidade indígena, que a mamãe é índia, filha de cacique e então isso não vai mudar, nem aqui, nem em cidade nenhuma. Sei que agora aqui eu tenho direito.” **Ângela Maria Narciso (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006).**

“Meu nome é Raimundo, eu pertencço à tribo Tembê, moro aqui em Belém há mais de vinte anos; sou da aldeia mas aí moram na aldeia meu pai, meu filho ainda, e meus irmãos. A minha profissão é pedreiro, carpinteiro, encanador, operador; tudo nós já fizemos; eu gosto dessa profissão. Aqui em Belém me dou muito bem e é só isso. Só tenho um filho que mora na aldeia, só um, meus filhos sabem falar língua indígena, meus irmãos (...) todos sabem falar, só quem não sabe falar muito é eu, e lá na minha casa o pessoal vê eu vestido de índio, é flexa, é arco, é maracá, tudo tem na minha casa; às vezes se admiram.” **Raimundo Leopoldo Tembê (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006).**

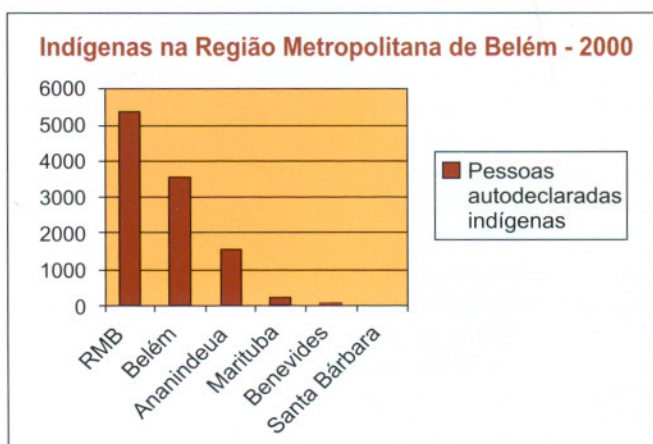
“Meu nome é Alberto e sou filho da Maria Olinda Barros. Sou filho adotivo que ela me adotou e eu não tenho sangue dela, mas aprendi várias coisas com ela e aprendi com ela que não é a raça nem a cor, é importante que eu venha preservar a minha cultura sendo índio ou não índio. Mas eu dou valor a essa cultura, por que eu aceito essa cultura. Às vezes, no começo, antes dos estrangeiros encontrarem o Brasil, os índios já existia, então da mesma, como tô adotado por ela, eu não tenho sangue de índio, mas me considero como se fosse um índio de verdade, é isso aí.” **Sumio Nakoto (Alberto). (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006).**

Onde moram os indígenas de Belém e Região Metropolitana

O registro de indígenas em Belém, neste fascículo, orienta-se por duas referências: a localização de moradia dos participantes da oficina, bem como, de alguns de seus parentes e conhecidos. Neste caso, os bairros identificados foram Agulha, Tapanã, Bengüí, Cabanagem, Una, Marambaia, Sacramento, Telégrafo, Marco, Canudos, Terra Firme, Guamá e Cremação.

A outra referência tem como fonte o IBGE. Segundo os dados do Censo 2000 a população autodeclarada indígena no país sofreu um crescimento de 10,8% na década de noventa. No Censo de 1991 o percentual de indígenas era de 2,0% em relação à população do país, assim existiam, segundo dos dados estatísticos oficiais, 294.000 indígenas no Brasil. Em 2000 essa população chega a 734 mil pessoas autodeclaradas indígenas. Sendo esta a maior taxa de crescimento entre todas as categorias de cor e raça da população brasileira.

O crescimento foi desigual por região, sendo a Região Norte, maior detentora de números de população indígena no país, aquela que apresentou menor ritmo de crescimento. Assim, no Norte no ano de 1991, essa proporção era de 42,4% e em 2000 cai para 29,1%. De acordo ainda com os dados do Censo 2000, as áreas urbanas de todo o país apresentaram significativos incrementos absolutos, o que também foi observado nas áreas rurais, mas em menor escala. Nos dados do Censo 2000 são identificados 5.357 na Região Metropolitana e 3.583 no município de Belém pessoas que se autodeclararam indígenas.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2000.

Porque o Fascículo

Para a Associação dos Indígenas da Região Metropolitana de Belém - AIAMB, este fascículo expressa os seus anseios e dá maior visibilidade a uma situação social pouco revelada. São diversas etnias que vivem nas cidades e representam parte desse povo, para quem este fascículo contribui com a luta pelo seu reconhecimento, bem como para:

- Informar, fazer conhecer a presença indígena nas cidades da Região Metropolitana de Belém (Belém, Marituba, Ananindeua, Benevides e Santa Bárbara);
- Fazer conhecer a nossa situação, a qual vivemos nestas cidades;
- A nossa luta pelos nossos direitos, provocar solidariedade; e
- Promover, conservar e fazer conhecer o nosso modo de fazer e de ser.

A vinda para Belém

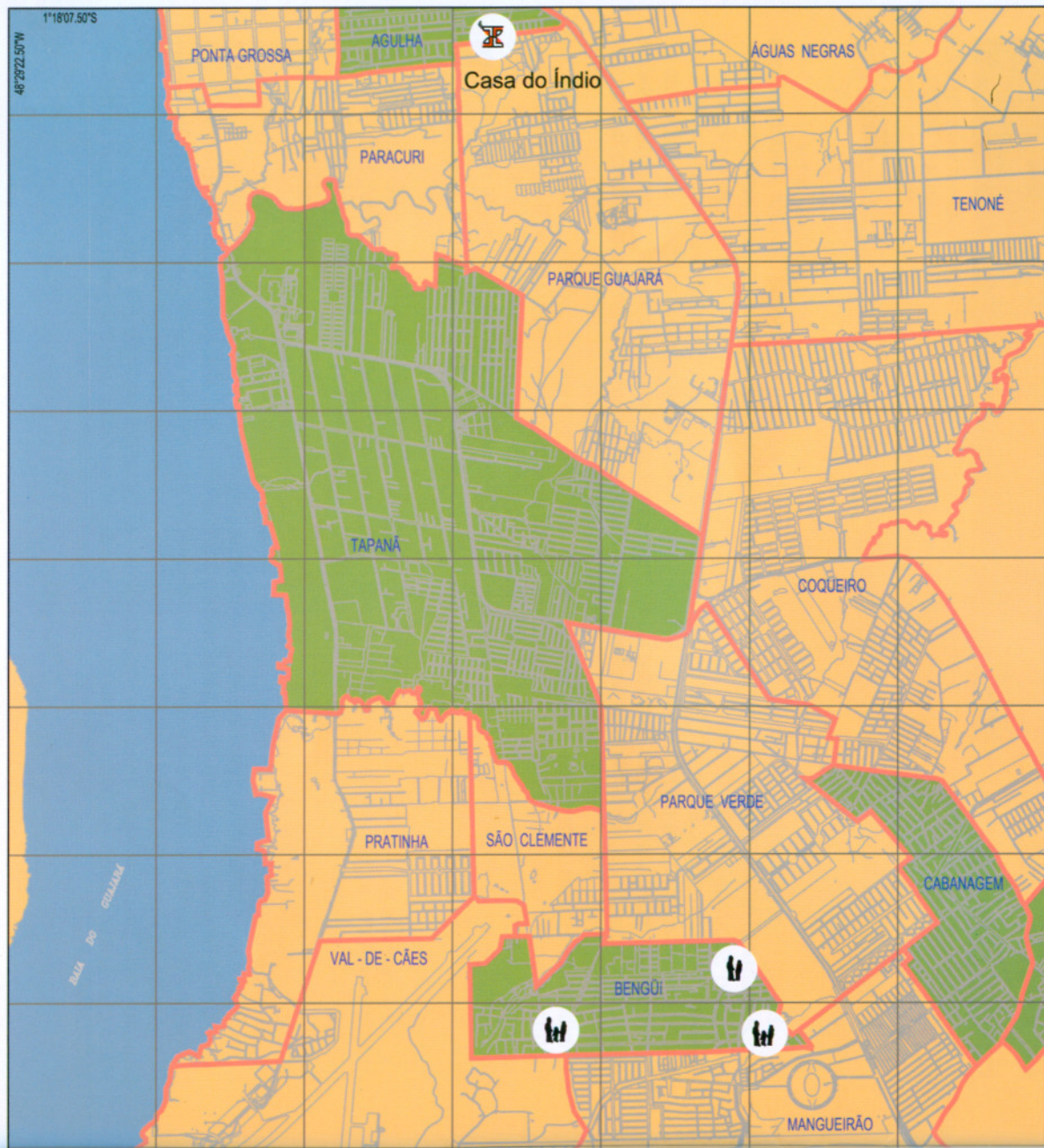


Reunião da AIAMB em março de 2006

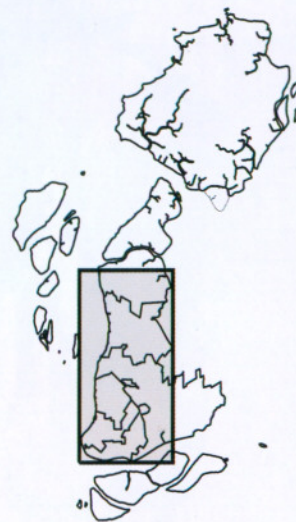
A vinda dos indígenas para a cidade de Belém tem como procedência algumas situações por eles relatadas:

“Eu sou Emilio Caba Munduruku. Eu nasci na aldeia do Mundurucu do rio Cururu; é quando uma época, daquele movimento de seringalista e o Tapajós fornecia muito isso, borracha pros americanos, na grande Segunda Guerra Mundial. Quando tinha um cidadão chamado Simar Macambira, que era muito amigo do meu pai, a Nazaré Macambira também. Era tão parecido os dois e, primeiramente, eu tô indo enviado pra casa da irmã dela (...) eu vim com quatro anos, morei dois anos em Santarém e depois ela se mudou pra cá pra Belém e eu fui morar na rua Conselheiro Furtado, bem defronte da Igreja dos Capuchinos. O número de nossa casa era 1500. Meu pai me entregou pra essa família; eu estudei na época até a terceira série e depois eu fui crescendo, aí com 12 anos eu fui morar definitivamente com a primeira pessoa que me foi indicado pra morar com ela, aqui na Travessa Estrela, a nossa casa onde acabei de me criar (...) depois ingressei na Polícia Militar. Hoje eu sou segundo sargento reformado da PM do Pará. Eu sou casado com a Tarcila Nascimento Cabá, onde nós temos um casal de filhos.” **Emilio Moreira Cabá (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006)**

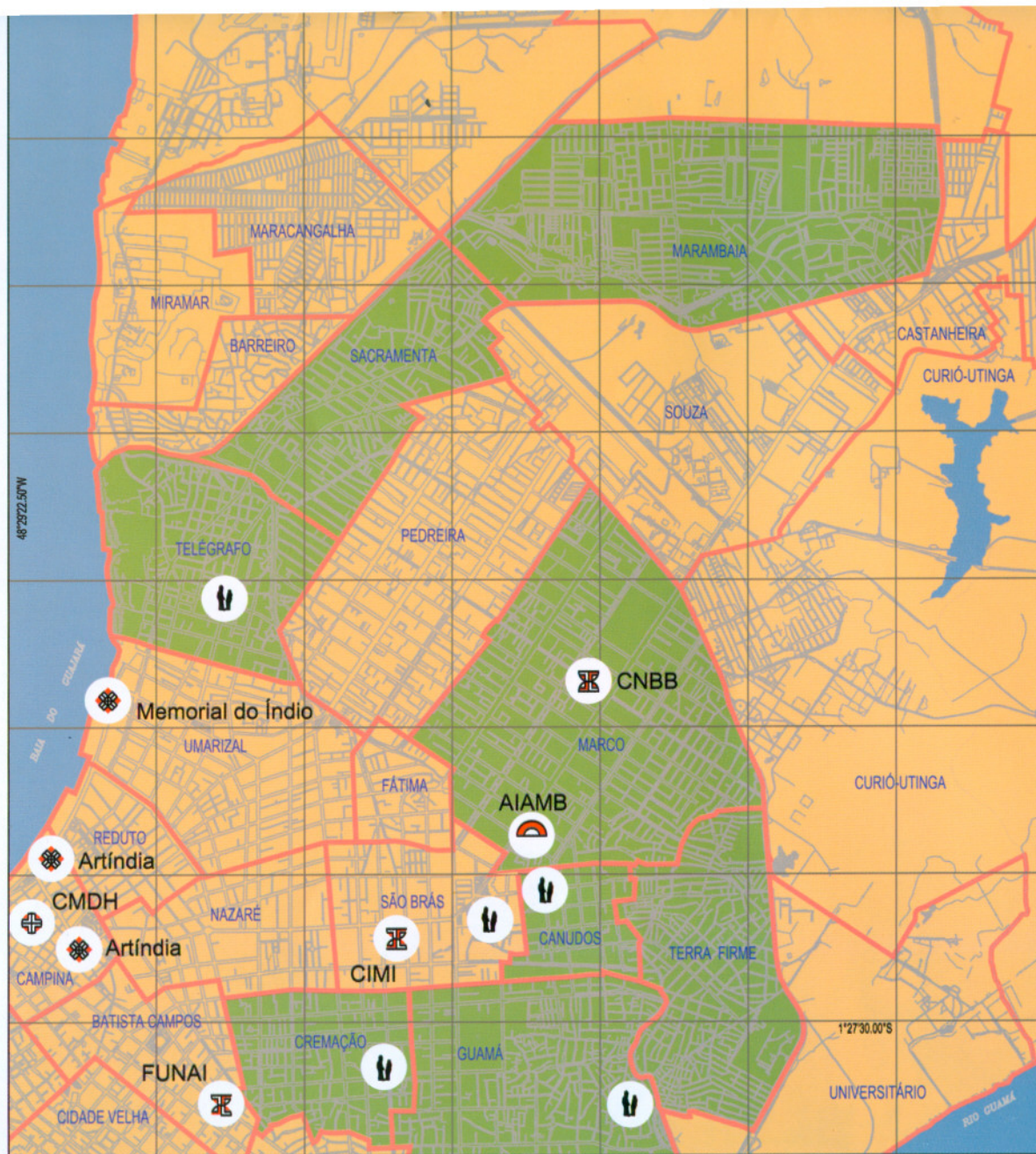
“Eu sou Olinda Juruna. Nasci no rio Xingu e de lá eu vim baixando; cheguei até o município de Altamira e agora, a minha etnia está alojada em Altamira no Km 57 e eu vim pra cá né, trabalhar em casa de família. Casei aqui em Belém; meu esposo era japonês. Moro perto do CIME em São Brás (...) eu vim pra cá sem nada, só com a roupa do corpo, por que eu fugi da minha família. Eu fugi com uma família e essa família me fez de escrava; eu trabalhava, trabalhava das seis às onze horas da noite, trabalhando, e eu não tinha, não recebia dinheiro, então não tinha salário (...) O meu maior problema foi o sacrifício; eu não tinha recurso, eu era analfabeta, então fiquei perdida; eu tinha medo. Eu queria voltar pra lá pro meu povo, mas não tinha condição, não tinha dinheiro e eles não me soltavam, e eu chorava. Foi quando saí nesse dia que eu tava desesperada, que eu ia andando chorando, aí eu fugi. Aí cheguei na Praça da República, sentei chorando. Aí que ele me viu chorando (refere-se ao seu esposo), ele pensava que tinha acontecido alguma coisa; foi quando ele me estendeu a mão.” **Maria Olinda Barros Juruna. (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006)**



INDÍGENAS NA CIDADE DE BELÉM:



-  Associação Indígena da Área Metropolitana de Belém - AIAMB
-  Formas organizativas com representação indígena:
 - Conselho da Cidade de Belém
 - Conselho Municipal dos Direitos Humanos
 - Forum das Mulheres Paraenses
-  Estruturas de apoio aos indígenas assinaladas pelos participantes da oficina:
 - Casa do Índio
 - Conselho Indígena Missionário - CIMI
 - FUNAI
 - CNBB
-  Espaços de referência:
 - Memorial do Índio
 - Artíndia
-  Bairros com presença indígena, conforme os participantes da oficina de mapas



Residências dos indígenas presentes na oficina de mapas do PNCSA

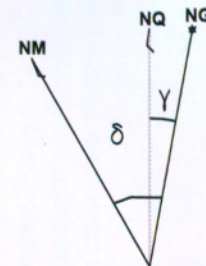


Residência dos familiares dos indígenas presentes na oficina de mapas do PNCSA

Limites de Bairros

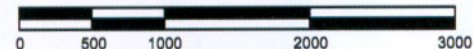
(Lei Municipal nº 7.806 de 30/07/96)

ORIENTAÇÃO:



Variação anual da declinação magnética
00°03'36\"W

Escala 1:50.000



Levantamento Aerofotogramétrico de Belém
Projeção Local Transversa de Mercator - LTM

Data do Vão: outubro / 1998

Edição: Rodrigo Macedo Lopes / 2006

Fonte: CODEM / 2002

Meridiano Central: 48°30'W.GR

Datum Horizontal: SAD-69 Chuá (MG)

Datum Vertical: Marégrafo de Imbituba (SC)

Coef. de Definição Linear (K): 0,99999511

Convergência Meridiana (τ): -00°00'02,45"

Declinação Magnética (δ): 19°20'30"

Data da Impressão Original: maio / 2002

O Congresso da Cidade e a organização dos indígenas de Belém

A organização dos indígenas da cidade de Belém tem como uma de suas origens o processo de Congresso da Cidade, especialmente a partir de 2001. Desde então, foram realizados Congressos dos Índios anualmente até 2004. Os índios de Belém passaram então a contar com representação indígena no Conselho da Cidade, ampliando-se para outros fóruns, como o Conselho Municipal de Direitos Humanos, a partir de 2003, e o Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense em 2005. Desse processo, tem início a criação da Associação dos Indígenas de Belém - AIB, que, posteriormente, passa a ser denominada pelos seus membros em razão da sua abrangência, Associação dos Indígenas da Região Metropolitana de Belém - AIAMB.

Indígenas reunidos no Congresso da Cidade, Belém, 2001



“Agora começamos a mobilizar os índios da cidade, e pudemos participar dos movimentos populares em Belém através da Prefeitura, e do Congresso da Cidade. (...),então teve uma reunião lá na Escola Bosque (I Congresso dos Índios). (...) temos que escolher um conselheiro da cidade, e teve a votação e fui eu e a Suzana os indicados com uma faixa de 14 a 16 delegados, e dali até hoje estou na luta. (...) é a idéia de compartilhar em função de todos que são excluídos, e o Congresso faz isso. Junta a terceira idade, mulheres, crianças, prostitutas, índios, homossexuais, juventude, deficientes (...).” (Emílio Moreira Cabá, Belém de Todas as Falas, 2003, p. 165).



“(…) Até hoje, não me comunico muito bem... tenho aquele receio que a pessoa não vai me aceitar. Quando fui me aposentar, foi agora nesse tempo, devido ao movimento, agradeço o seu Cabá, aí depois desse movimento, é que eu comecei a falar; eu não falava; eu tinha medo de dizer; aí quando eu vi, chegou e me convidaram e eu comecei a participar da reunião.” **Maria Olinda Barros Juruna. (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas de Belém, 11/02/2006).**



A luta é pelo reconhecimento da identidade indígena na cidade

Entre as situações identificadas como mais importantes para os indígenas em Belém, destaca-se a luta pelo reconhecimento do seu direito como indígena na cidade. A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho OIT, da qual o Brasil é signatário, na seção dos Povos Tradicionais, diz que o dado mais relevante é uma autodefinição. A 169 assegura que basta a autodefinição para determinar o direito à identidade indígena, ou para determinar o direito à identidade dos povos tradicionais.

A luta pelo seu reconhecimento como indígena na cidade é permanente. Está presente, por exemplo:

- Quando o indígena na cidade é ameaçado de não ser incluído no censo a ser realizado pela FUNAI;
- Quando o indígena na cidade precisa ser reconhecido, a mediação exigida é de entidades de representação das suas aldeias de origem para garantir atendimento de prerrogativas e direitos já adquiridos junto às instituições públicas;
- Quando não há políticas voltadas para os povos indígenas que moram nas cidades, como de educação, saúde e outras.

“A maior dificuldade é quando a gente tem filho na educação, por que a gente procura informação, ninguém entende nada e aonde a gente chega se negam. Eu sou mãe de dois filhos, vim pra cá sem nada e é muito difícil (...) Quando perdi meu emprego; agora tenho dois filhos pra educar eu não consegui nenhuma informação, de jeito nenhum; aí foi quando eu consegui uma bolsa pro Marcelo, um ano só. Depois pus ele na escola pública, então perdeu um ano de escola. Graças a Deus, o mais velho passou no CEFET e faz Agrimensura lá, tem 19 anos, e o mais novo ainda tá caminhando, pra ver se consegue. A gente não tem informação nenhuma, nenhuma.” **Maria Clara Conceição Tembê (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006).**



Participação no Festival da Água, Paris, 2005.

“Então, nesse sentido, a gente vai ver se consegue fazer uma plenária. Então nosso sentido é convidar representante da Funai, por que eu concordo que ele tenha favorecimento (refere-se a outro participante da oficina que recebeu atendimento pela FUNAI), mas nem todos; eu acho que é pouco, algum tipo de pessoa, por que eu não tenho; por que meu sobrinho, ele tá cursando Sociologia na UFPA, então ele tá pedindo uma cota, por que quem não é índio tá na universidade. Sabe o que disseram pra ele? – Você veio da Associação do Cururu, pede autorização pra agilizar a tua situação. (...) pra entregar à FUNAI e isso eles pedem e nós temos que dar a declaração da Associação, porque a gente vai cobrar a política pública, precisa da declaração. Porque eu luto também aqui, não é porque é pra me beneficiar não. Tem essa cota que tá sendo discutido: o índio, o negro e os pobres.” **Emilio Moreira Cabá (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Indígenas na Cidade de Belém, 11/02/2006).**



Participação na Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia Indígenas na Cidade de Belém, 11 de fevereiro de 2006

Contatos

Associação dos Indígenas da Região Metropolitana de Belém - AIAMB

Emílio Moreira Cabá - Presidente

Endereço: Rua Padre Emílio Martins, 62, Benevides - Pará
CEP: 68.795.000, Tel: 91 - 3724.1645 / 9112.7869

Suzana Primo dos Santos Caripuna

Endereço: Conjunto N.P.I., Rua Andiroba, 251, Terra Firme
Belém-Pará, CEP: 66.077.830, Tel: 91 - 3274.0704 / 9618.8811

Ângela Maria Narciso

Endereço: Passagem Aragão, 167, Bengui, Belém - Pará
CEP: 66.630.105, Tel: 91 - 3285.8230

Marineide Machado Camizão

Endereço: Passagem Ismael de Castro, 12, São Brás
Belém - Pará, CEP: 66.090.350, Tel: 91 - 8835.1880

CIMI (Conselho Indigenista Missionário)

Endereço: Trav. Nina Ribeiro, 254, São Brás, Belém - Pará
CEP: 66.070.350, Tel: 91-3226.5408
e-mail: cimipiamazon.com.br

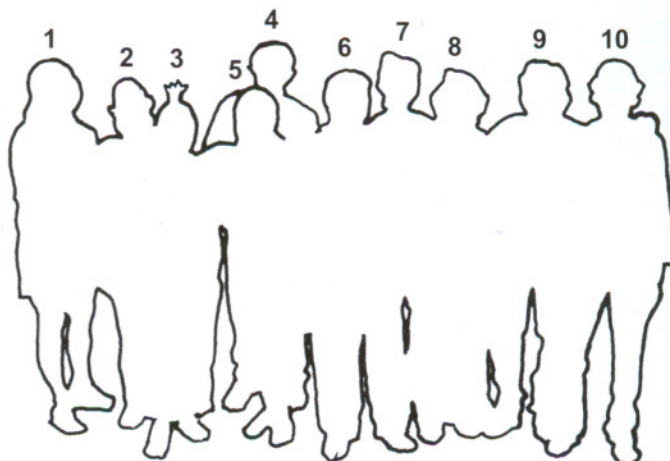
Instituto Amazônico de Planejamento, Gestão Urbana e Ambiental - IAGUA

Endereço: Trav. Dr. Enéas Pinheiro, 2394, Marco, Belém - Pará
CEP: 66.095.100, Tel: 91 - 3276.1133
e-mail: iagua@oi.com.br

Identificação das pessoas na foto da pág. 03.

Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia.
Indígenas de Belém, Belém,
11 de fevereiro de 2006

1. Ângela Maria Narciso
2. Maria Clara Conceição Tembé
3. Maria Olinda Barros Juruna
4. João Fontenelle de Souza Filho
5. Suzana Primo
6. Coaraci Apalay
7. Marineide Machado Camizão
8. Tarcila de Jesus do Nascimento Cabá
9. Emílio Moreira Cabá
10. Raimundo Leopoldo Tembé



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Deficientes na Cidade de Belém

Realização



Associação dos Indígenas da
Área Metropolitana de Belém



Instituto Amazônico de
Planejamento, Gestão Urbana
e Ambiental



UFPA

IARA

Instituto Livre Universidade
Rios do Amanhã

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM



UNAMAZ



CSE/UFPA